



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO  
DE 2014  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

## LENDO HÉLIO SEREJO E PARTILHANDO DA SUA LITERATURA

Mara Regina PACHECO

PG/UFGD/CAPES

**Resumo:** O objetivo deste artigo é divulgar a diversidade, o politeísmo de temas da literatura de Hélio Serejo. O escritor Sul Mato-Grossense deixou como legado literário, nada mais nada menos que sessenta obras, recentemente reeditada pelo Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, organizado por Hildebrando Campestrini, as *Obras Completas* (2008). Os nove volumes nos quais foram agrupadas as obras proporcionam um leque dos mais diferentes tipos de escrita: crônicas, relato histórico, comentários, poesias, contos, folclore, crítica literária, provérbios, orações, credices, ditos populares, palestras, verbetes sobre hábitos, alimentação, superstições. Acreditamos que essa gama de opções presentes na obra de Serejo merecem divulgação para que possam ser lidos, apreciados, conhecidos, analisados e principalmente levado a conhecimento dos leitores essa possibilidade de opção de leitura. Através da leitura de Serejo temos uma visão da história do que foi o período do pós-guerra do Paraguai, a constituição do novo Estado, um panorama da fauna, da flora, do folclore, das crenças, das lendas, dos mitos, pertencentes ao povo da região da fronteira Brasil/Paraguai. Hélio Serejo descreve as riquezas, as dificuldades, os hábitos e costumes desse chão, e oferece através da sua literatura o deleite da leitura, o desbravamento do eldorado fronteiriço da terra dos ervais.

**Palavras-chave:** Leitura; literatura; Hélio Serejo

### Introdução

A ideia desse artigo surgiu a partir da disciplina “Literatura e Ensino”, ministrada pela professora Dra. Célia Regina Delácio Fernandes, no mestrado em Letras pela UFGD, do qual sou acadêmica estudante das obras do escritor sul-mato-grossense Hélio Serejo. Durante as discussões que ocorreram em sala sobre: a função da literatura; as correlações entre leitura, literatura e sociedade; a formação do leitor; o papel do educador; suscitou nessa aluna pesquisadora o chamado para a divulgação da obra, da escrita e da leitura da literatura de Hélio Serejo.

Enquanto professora da graduação em Letras – Português/Inglês na UEMS/Dourados no ano de 2009, e parte de 2010, volta e meia era procurada para dar sugestões de autores e



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO  
DE 2014

ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013

ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

obras “interessantes” para serem alvo de pesquisa dos alunos. Tendo vindo de uma geração que também não foi instruída da existência de uma literatura regional, me coloquei a pesquisar algumas obras e alguns autores, que tem sido por mim mencionados, em artigos confeccionados como parte de requisito das conclusões das disciplinas do mestrado. Na busca em sebos locais e conversas com professores do PPG de Letras, descobri nomes como: Hêrnani Donato, Demosthenes Martins, Ulisses Serra, Otávio Gonçalves Gomes, Renato Baéz, Lobivar Matos, Oswaldo Marques, Elpídio Reis, Raquel Naveira, e o já conhecido Hélio Serejo, meu objeto de estudo, isso para citar apenas alguns dos mais relevantes. Todos esses nomes que figuram acima possuem obras relevantes quanto à representação histórico/cultural da nossa região, sendo desse modo, é importante a divulgação desses nomes e obras para o público em geral, para conhecimento e reconhecimento do que foi a nossa história/política/cultural, do que nos constituiu como indivíduos sul-mato-grossenses.

Diante de tantos nomes e possibilidades de leitura literária demarcadamente “nossa”, levanto a bandeira da curiosidade para que os mesmo sejam lidos, apreciados, e “partilhados com nossos pares”, usando aqui uma expressão de Anne-Marie Chartier, no seu artigo “Que leitores queremos formar com a literatura infanto-juvenil?”, publicado na obra *Leituras literárias: discursos transitivos* (2005), organizado por PAIVA, PAULINO e VERSIANI, artigo esse que foi um divisor de águas no entendimento da minha responsabilidade da exposição e divulgação da obra de Hélio Serejo.

Chartier ao fazer ponderações do sobre o livro de Anne-Marie Marcier-Faivre, *Enseigner La littérature – de jeunesse?* (1999), trata sobre as relações entre Literatura Infanto-Juvenil e literatura na tradição escolar. Marcier-Faivre, enfatiza na sua obra que a leitura não se presta apenas para distrair ou habituar as crianças aos textos, e sim, as leituras tem como objetivo formar a personalidade, a inteligência, caráter e não simplesmente formar consumidores de livros ou fregueses de livraria. No decorrer do percurso de levantamento de reflexões, Chartier alerta para o fato de que se se deseja formar o gosto pela leitura, não se pode prometer prazer imediato e durante todo o tempo. De acordo com Faivre, é necessário que a literatura tenha seu espaço na escola em qualquer que seja a idade das crianças, se o que se almeja é formar futuros leitores. Em decorrência dessa assertiva, proponho pensar aqui no uso



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO  
DE 2014  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

das obras de Serejo (e outros escritores regionais) como via de acesso ao conhecimento da nossa história/cultura regional. O intuito primeiro deste texto é então, discutir essa possibilidade, e divulgar essa alternativa se ela for considerada viável.

Chartier traz no decorrer do seu texto, várias outras discussões, porém a parte que nos toca particularmente, é concernente à necessidade de aceitação de leituras efêmeras e contemporâneas para uma nova formação de leitores que tenha como objetivo atingir êxito. Partindo da afirmação de Chartier, quanto à leitura efêmeras e contemporâneas, creio que seria cabível incluir Hélio Serejo e outros escritores, a fim de “obter êxito” no conhecimento de uma literatura regional, neste caso particular.

A estudiosa usa dois termos que chamam atenção quanto ao dever, de nós professores, como pontes: de “transmissão” e de “partilha”. De acordo com Chartier, a “transmissão” organiza a “partilha”, e aqueles que prescrevem a leitura (professores, pesquisadores) são leitores que tem constituído consigo um capital de referências, e o segredo da “partilha” seria: saber organizar as “transmissões”. Aqui mais uma vez se fortalece o objetivo desse trabalho: “transmissão” e “partilha” das obras de Serejo para que se façam conhecidas, para que se divulgue essa opção de leitura.

### **Hildebrando Campestrini e a reedição das *Obras Completas***

A tomada de responsabilidade na divulgação da obra de Serejo foi primeiro materializada com a iniciativa de Hildebrando Campestrini, como se pode confirmar transcrito na contra capa do que seria o volume 10 das *Obras Completas* (2008), intitulado *O trilhador de todos os caminhos – Vida e obra de Hélio Serejo*:

O propósito de Campestrini foi democratizar o acesso à produção de Hélio Serejo. E realizou o seu intento porque, com a publicação destas *Obras Completas*, qualquer leitor terá acesso aos escritores deste que



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO  
DE 2014  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

pode ser considerado o mais importante escritor sul-mato-grossense.  
(SEREJO, 2008, contra capa).

A iniciativa de Campestrini<sup>1</sup> surgiu como figurado na Apresentação da compilação citada acima, quando Hildebrando voltava de uma viagem de Santa Catarina para Campo Grande, parando em Presidente Venceslau, onde residia na época Hélio Serejo, para fazer uma visita. No encontro, Serejo confidenciou ao amigo o desejo de ter suas obras reunidas, publicadas e distribuídas. Já nos seus mais de noventa anos, mostrou a Campestrini a coleção completa dos seus escritos, e deixou transparecer certa decepção pela falta de divulgação de sua obra. Na despedida, Hildebrando prometeu a Serejo esforço na republicação de toda a obra. Para cumprir o prometido, colocou-se por quatro anos a digitar, revisar, conferir, pesquisar, padronizar a linguagem e por fim, distribuir os livros por volumes, diagramar e finalizar o conjunto da obra. Feliz com o resultado do trabalho, Serejo acabou por doar os direitos autorais de suas obras ao Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Serejo morre dois anos antes de ver publicadas em definitivo suas *Obras Completas* (2008).

Deixar registrado aqui o esforço de Campestrini que assegurou a nós pesquisadores do estado do Mato Grosso do Sul, o acesso à obra total de Serejo. Ainda em 2008, pouco antes de serem publicadas as *Obras Completas*, já interessada em pesquisar Hélio Serejo e sua obra, tive muita dificuldade para encontrar as mesmas. Ao recorrer aos sebos, às bibliotecas, encontrava apenas uma obra ou outra, e me ressentia por não poder ter acesso ao todo. Passei a me dedicar à leitura de *Balaio de Bugre I* e *Balaio de Bugre II*, obras que consegui encontrar. A leitura das duas obras se transformou num projeto com o objetivo de estudar: “Construção identitária e Multiculturalismo em *Balaio de Bugre I* e *II* de Hélio Serejo”. Com o projeto pronto, soube que as *Obras Completas* tinham sido postas à venda. Envolvida no curso de Especialização da UEMS/Nova Andradina, no curso de Ciências da Linguagem, e participando do projeto Literatura e História, sob a coordenação do Prof. Dr. Daniel Abrão. O grupo, cadastrado no CNPQ, reúne pesquisadores e estudantes com o objetivo de fomentar a investigação e a

---

<sup>1</sup> Reuniu e organizou as Obras Completas de Hélio Serejo editada pelo Instituto Histórico e Geográfico do Mato Grosso do Sul.



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO  
DE 2014  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

produção dos estudos literários, notadamente a partir da relação entre literatura e sociedade, em suas diversas dimensões e através de uma perspectiva histórica. Há reuniões periódicas para estudos teóricos, acompanhamento e desenvolvimento de trabalhos acadêmicos, bem como para troca de informações de pesquisa entre os participantes do grupo. A estes estão vinculados projetos de pesquisa, orientações e demais trabalhos acadêmicos, que englobavam o escritor Hélio Serejo. Procurei a biblioteca pública municipal para ter a informação se as mesmas seriam contempladas com as *Obras Completas* (2008) de Serejo, e, após se interar, a responsável informou que, infelizmente, a biblioteca não seria contemplada com as obras. Diante da realidade posta, retomo o texto de Antonio Candido<sup>2</sup> sobre “O direito à Literatura”, publicado na obra *Vários Escritos* (2004). De acordo com Candido, a educação e a cultura no Brasil não é para todos. Desse modo, podemos afirmar que aquilo que é indispensável pra nós professores e pesquisadores (o acesso às obras) é também indispensável ao outro (os alunos, os leitores). Candido traz à tona fazer-se necessário desde a infância, a criação da consciência de que todos tem direitos aos bens materiais (inclusive aqui os livros) e igualdade de tratamento (quem não tem como comprar o livro também teria acesso ao mesmo por meio das bibliotecas públicas. Desse modo Candido assegura que, assim como diria o poeta “a gente não quer só comida, a gente quer bebida, diversão e arte”, Candido nos assegura na sua fala o direito à arte e à literatura. E não estamos tendo acesso à arte de Serejo no estado no qual este artista da terra nasceu.

Candido, ainda no mesmo texto, pontua que literatura é uma manifestação universal de todos os homens de todos os tempos, desse modo, não há como viver sem ela. Segundo ele, ninguém é capaz de passar o dia sem “entrar” de alguma forma no mundo fabuloso por meio de um causo, anedota, moda de viola, ou outro tipo. Afirma que não pode haver equilíbrio social sem literatura, uma vez que ela é fator indispensável à humanização, e que cada sociedade cria suas manifestações ficcionais, poéticas, dramáticas de acordo com seu tipo de crença, normas e sentimentos. Isso é exatamente o que Hélio Serejo faz através das suas obras, e o direito a esse acesso continua a nos ser negado uma vez que “não está disponível ao público em geral”. Isso é ter acesso e direito à literatura? Será que esse acesso não nos é justamente negado

---

<sup>2</sup> Crítico Literário Brasileiro



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO  
DE 2014  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

conforme explicita Candido, devido à literatura ser um poderoso instrumento de instrução e educação, uma vez que confirma, nega, propõe, denuncia, apóia, combate, oferecendo possibilidade de solução dos problemas. Afirma ainda que a literatura não corrompe nem edifica, e sim humaniza em sentido profundo, uma vez que faz viver. Assim sendo, podemos afirmar que estão nos negando o direito de viver.

### **Reflexões sobre o direito à leitura/literatura e o papel do professor/pesquisador**

Célia Regina Delácio Fernandes<sup>3</sup>, na obra *Leitura, Literatura Infanto-Juvenil e Educação* (2007), faz um balanço sobre a democratização da leitura em terras brasileiras, e começa falando sobre o acesso à escola e à leitura ser assegurado constitucionalmente. De acordo com Fernandes, nos últimos trinta anos no Brasil há uma movimentação grande com a finalidade de melhorar sobremaneira a leitura e o leitor, garantindo desse modo a inserção social e melhores condições de letramento da população brasileira, notando-se uma melhora na circulação de livros, principalmente dos didáticos e da literatura infanto-juvenil.

De acordo com a pesquisadora, nem sempre o mundo necessitou da leitura escrita, e argumenta que essa necessidade foi sendo construída historicamente pelas civilizações, porém, afirma que a leitura praticada como ferramenta de transformação social é uma realidade recente. Relata que no Brasil, a prática da leitura é retratada por Lajolo e Zilberman (1988) exibindo o processo do desenvolvimento do leitor na sua prática de leitura emancipada, bem como todo o processo político que envolveu essa questão.

Para Fernandes (2007, p. 12-3), a leitura é uma necessidade, e um dos requisitos que garantem a cidadania. Segundo ela, quem não lê tem pouquíssima chance de ocupar um lugar de respeito na sociedade atual. A estudiosa cita Freire (1990) num texto que reflete sobre a prática educacional, na qual pontua a relevância da leitura, e concebe o ato de ler como um ato político que antecipa e alonga a inteligência do mundo. Desse modo, a leitura é encarada como uma maneira de transformar o mundo através de uma prática consciente. Cita também Brito

---

<sup>3</sup> Professora Doutora na FACALE/UFMG em Dourados/MS





EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO  
DE 2014  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

(2001, p. 81-2), que vê a leitura como “um ato de posicionamento político diante do mundo”, e coloca a posição de Abreu, que defende a necessidade de dar ao leitor ferramentas para que este se torne um leitor funcional.

Antonio Candido, no seu texto “O direito à Literatura” (2004) relaciona a literatura com os direitos humanos sob dois ângulos: a literatura como necessidade universal que humaniza; a literatura como um instrumento consciente de desmascaramento que tem a ver com os direitos humanos. Candido clama por uma literatura que seja bem de todos, e não apenas privilégio de minoria, clama por uma sociedade igualitária na qual todos tenham direito à literatura, e dá exemplos de como isso poderia ser alcançado: investimentos em bibliotecas, lugares com acesso a leitura, ou ainda, valorização da cultura popular de modo que a leitura e a literatura passe a ser um bem comum, e não apenas privilégio de poucos. Esse artigo também se presta à divulgação da voz de Candido, e à denúncia da obra de Serejo não estar sendo divulgada, não estar sendo oferecido o acesso à mesma. Nos garantimos nas afirmativas finais do artigo de Candido, quando enfatiza que o que ocorre no nosso país é uma espoliação, uma privação de bens que são nosso direito, que em uma sociedade justa, o direito à arte e à literatura é um direito inalienável, é respeito aos direitos humanos.

Diante do que foi acima exposto, tomo a fala de Eneida Maria de Souza no seu artigo “Tempo de pós-crítica”, publicado no XIX Congresso da Federação Internacional de Língua e Literatura Moderna, que ocorreu em 1993, em Brasília. O texto traz à tona a contribuição dos artigos e ensaios acadêmicos na divulgação das realidades, estudos e pesquisas feitas. De acordo com Souza, o objetivo principal dos ensaios e artigos são: “melhor divulgação da produção acadêmica, contribuindo para que se realize o desejado diálogo entre o discurso universitário e a comunidade” (1996, p. 92). Ou seja, o que Eneida afirma é a acessibilidade, “popularização”, do texto crítico de forma que seja lido e proporcione aos leitores comuns, informações de críticas e pesquisas contemporâneas que estão sendo feitas. Essas colocações asseguram o intuito desse artigo como denúncia, como alerta, como divulgação.

Na obra *Metodologia do ensino da literatura infantil* (2007), Costa no capítulo “A Formação do leitor e o ensino de literatura”, assegura que a formação de leitores é atribuída primordialmente à escola, e que esta, teria de estar preparada com professores qualificados para



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO  
DE 2014  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

essa função, com acesso às bibliotecas, bem como metodologia adequada para o desenvolvimento da competência de ler e, também, em consequência escrever. Ou seja, mais uma vez aqui o direito nos é assegurado, e embute em nós discentes, a responsabilidade na formação de leitores, através do mediador (nós professores). Segundo Costa, aprender a ser leitor é uma necessidade. Aprender a ler Hélio Serejo é também para mim uma necessidade. Através do texto se experimenta emoções, angústias, perigos, sofrimentos, se conhece o que passaram aqueles que estiveram em nossa terra antes de nós. Ao se conhecer, valoriza-se, uma vez que não há como enaltecer ou refutar o desconhecido.

Costa (2007) afirma que ao professor cabe o papel de formar o leitor. Frente a essa assertiva, encontramos pesquisas procurando ajudar na solução do problema. A escritora esquematiza três fases que dão conta da formação do leitor: Fase 1 – pré-leitura na pré-escola desenvolvendo capacidades e habilidades: construção de símbolos, desenvolvimento da linguagem oral e da percepção das relações entre imagens e palavras, ou seja, a linguagem é mais visual que verbal. Fase 2 – alfabetização com ampliação do repertório dos textos na formação do leitor. Aqui entra a “idade do conto de fadas”, através do mágico, das lendas, fabulas e mitos, a criança resolve seus conflitos adaptando-se melhor ao mundo. Fase 3 – Consolidação da alfabetização e letramento. Nessa fase busca-se maior independência da leitura, maior diversificação para a evolução da compreensão à interpretação. Persistem vestígios do mágico, porém com orientação para o real visando a apropriação da realidade pelo leitor.

A Fase 2 proposta por Costa (2007), traz presente as lendas, fábulas e mitos. Hélio Serejo tem nas suas obras grande tendência ao folclore, ao registro das crendices, dos contos populares da região, tecendo um viés que alarga o seu tipo de escrita e narrativa história/política/econômica. Partindo desse aspecto que Costa nos proporciona, iremos nos dedicarmos às obras de Serejo que atendem a esse viés. Porém, antes gostaríamos de mencionar considerações de Gabriel Zaid, no livro de Costa (2007), no subitem “O professor enquanto mediador de leitura”. Zaid aponta quatro aspectos referentes ao leitor: 1 – a pressão que o autor/título exerce sobre o leitor; 2 - o produto: livro; 3- a leitura desse livro; 4- a assimilação do mesmo. Esses itens sugerem um percurso de leitura na qual o primeiro implica elaboração





EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO  
DE 2014  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

de uma lista de livros que exigem pesquisa e discussões. O segundo requer a aquisição das obras selecionadas. O terceiro diz respeito ao tempo disponível para se ler. O quarto ligado à assimilação e difusão da leitura.

Costa (2007) pontua que ao elaborar as etapas acima, Zaid não pensou na atividade formadora do professor, porém, indiretamente fornece indicações que o professor deve ser um leitor, de preferência um leitor que tenha o hábito e o gosto pela leitura, a ponto de sua fala revelar o que ele lê. Eu como pesquisadora de Serejo, sou leitora de Serejo, o que me dá requisitos do qual fala Costa: “o bom professor é um bom pesquisador que instiga a curiosidade a ponto de quem ouvi-lo ser capaz de ter interesse de descobrir o que ainda não conhece através da leitura” (p. 110). Eu insisto e incito a leitura de Serejo, e para isso vou fazê-lo através de um viés, o já mencionado no parágrafo anterior, e que anunciado como apenas uma parte do todo que a leitura de Serejo proporciona.

### **Hélio Serejo e sua narrativa mítica, de lendas, de folclore, e de crenças**

As *Obras Completas* (2008) de Hélio Serejo permitem estudos sob diferentes vieses (histórico, político, econômico), porém iremos nos ater nesse artigo ao lado mítico, do folclore e das crendices, uma vez que acreditamos que esse viés atende bem ao quesito leitura e literatura infanto-juvenil, alvo das nossas leituras na disciplina Literatura e Ensino, que inspirou a escrita desse trabalho.

Otávio Gonçalves Gomes<sup>4</sup>, escritor de *Onde cantam as seriemas* (1988), obra que também é dica de leitura e deve ser fonte de pesquisa, escreveu sobre Serejo: “Hélio Serejo não é só poesia caipira, e pintura de paisagem sertaneja não. É contista primoroso. Mas até nesse gênero utiliza os motivos caboclos, o colorido, a musica e a beleza agreste dos nossos sertões”. (SEREJO, 2008, O HOMEM MAU DE NIOAQUE, orelha). O escritor tem um modo pessoal de contar histórias ao modo dos ervateiros, ao lado do fogo, na tapera do sertão, seja no

---

<sup>4</sup> Escritor importante do Mato Grosso do Sul



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO  
DE 2014  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

calor, na chuva fina, mas sempre tomando chimarrão, conversando com o pai, os peões, os fugitivos, sem pressa, desfiando detalhes, dramatizando passagens, envolvendo ouvintes, deixando-se conduzir pelo contar da história. Histórias de gente, de animais, de coisas.

Hélio Serejo escrevia com amor ao verdadeiro, tratou de temas como o nativismo, o amor à pátria, à terra, às suas coisas. Foi incansável cantor do seu estado, o Mato Grosso e depois Mato Grosso do Sul. Temas como a paz entre os homens, a humanidade, a sinceridade, a justiça, a moral e a religião sempre estavam no seu repertório. Mesmo se definindo como um católico convicto e fervoroso, que tinha Deus como verdade inquestionável, aceita que os homens tenham outras crenças. Quando escreve *Lobisomem*, livro cinco, do volume um, explica: “não critiquei e não condenei, portanto, as variações encontradas em outros povos, que compreensíveis e até lógicas, devemos sinceramente agasalhar e respeitar” (SEREJO, 2008, V. I, p. 143). E por outro lado, registra respeito às credices populares como no livro dez, *Prosa Xucra*: “Acenderam, então, por ordem do quarteirão, dois fogos na terra pisoteada. Um de cada lado da tarimba. Assim o defunto teria luz. Que velar um ente humano, nas escuras, nessa hora extrema, é coisa que leva o cristão para as profundezas do inferno” (V. I, p. 288).

Já na obra *Rodeio da saudade* (2008), ao descrever o pássaro João-de-Barro, afirma: “Diz o caboclo, na sua crença rude e confortadora, que o teu grito traz sempre felicidade. Se tu rondas o terreiro, a alegria virá, por certo, bater na nossa porta. Quantos não deixaram, ao relento, a prole numerosa!” (V. III, p. 289). Quando retrata o juá, uma fruta que segundo ele, resiste ao fogo do sol de das queimadas, expõe:

O carreteiro solitário e amoroso, com ele maduro, tira a prova do seu amor. Atira três no braseiro, porem um de cada vez, se são os estouros, a china de seus sonhos. Ihe é fiel, se falha um, está ele debochando e possui um outro amor; falhando todos, é simplesmente tábua e salvação, um cara sem sorte, que será encostado num canto, tão logo surja o príncipe encantando, aquele que teria de vir um dia, porque o papel de tinta acusara da simpatia da noite junina (SEREJO, V. III, p. 291).



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO  
DE 2014  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

Na obra *Zé Fornalha* (2008), ao informar que é tido como tradição ser da árvore cabriúva a cruz da qual deve ser fincada sobre uma cova, indaga ao leitor: “Por que cruz de cabriúva? Para resistir à ação destruidora de tempo? Não! A cabriúva afugenta maus espíritos. Cemitério com cruz de cabriúva nunca é assombrado” (SEREJO, V. IV, p. 137).

As *Obras Completas* (2008) estão repletas de mitos e lendas da região da fronteira Brasil/Paraguai. De acordo com Hélio Serejo, lenda é uma “narrativa na qual a história está deturpada pela tradição [...] Vem da escrita milenar esta afirmativa: nas lendas há sempre um fundo de verdade” (SEREJO, V. 8, p. 73). O escritor por meio das lendas registra pela escrita, a “verdade” oral que ouviu durante a sua vida nessa região, marcando um *locus* de enunciação particular.

No volume quatro, na obra *Contas do meu rosário* (2008), no subtítulo “Mitos e lendas de Mato Grosso”, Hélio registra vários mitos e lendas como: “Pé-de-garrafa”: um monstro amedrontador de uma perna só, cujo casco é endurecido no formato parecido a um fundo de garrafa, que vive nas matas assombrando o homem que trabalha com a poaia. A crença é que o monstro confunde o poaieiro imitando a voz humana fazendo com que esse se perca na mata. “Cabeça-de-boi”: era um monstro que surgia na região sulina mato-grossense, anterior à Guerra do Paraguai, que transformava o seu tamanho numa fração de segundos. Em tamanho pequeno praticava diabruras como afugentar os bezerros e os porcos. No tamanho grande se unia ao demônio para praticar perversidades. Porém, quando começou a Guerra do Paraguai, não se viu mais o cabeça-de-boi, ele não teria resistido aos tiros dos canhões. Quanto ao conhecido “Curupira Serejo pontua que existe sobre este duas versões. A menos aceitável é de ser uma índia velha. Magra de pele enrugada e olhos esbugalhados. A outra é um espírito das selvas, que recebe também o nome de caipora, um habitante do mato que rouba crianças para alimentá-las com frutas doces. Em Cuiabá, no Mato Grosso, o curupira são anõezinhos nus de pele clara e olhos azuis que vivem na beira dos rios e colinas floridas. De acordo com o clima da região podem ser às vezes bonitos, graciosos e ágeis, ou feios, desengonçados e moles. Já o “Negrinho-d’água”: é o guardador dos rios e peixes, e por ter muito ciúme deles, ninguém pode colocar a mão ou destruir. Ele corta a linhas dos anzóis, vira os barcos para defender o que esta sob seus cuidados.



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO  
DE 2014  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

A temática lenda aparece também no volume cinco, com o livro *Lendas da erva-mate* (2008), que apresenta quatro histórias: O sabiá incentivador; O jaburu; Lenda da erva-mate; A transformação de Yari em pé de erva-mate. “Lenda da erva-mate” conta a história da bela Kaá Yari, a grande senhora dos ervais e deusa dos ervateiros. Ela ajuda que os trabalhos com a erva-mate ocorram com sucesso. Para isso o ervateiro deve, na semana santa, ir a uma igreja e pedir a deusa em casamento, jurando jamais se afastar dos ervais e da deusa. Para merecer o respeito da deusa deve lutar com arma branca com feras enfurecidas e serpentes traiçoeiras, enfrentar a fúria do vento e do fogo, e ter que carregar sobre os seus ombros um peso equivalente a três vezes o seu próprio peso. Se vencer a tudo isso terá as núpcias com a protetora dos ervais. Ao lado da divina protetora o ervateiro tem sucesso desde o corte, ao peso final da erva. Porém, se a Deusa é traída por outra mulher, a desgraça cairá sobre o ervateiro fazendo-o cair em ruína e viver para o resto de seus dias atormentado pela vingança de Kaá Yari. Já a lenda “A transformação de Yari em pé de erva-mate” conta que o cacique pai de Yari, ao receber Jesus, São João e São Pedro no seu rancho e bem tratá-los, Jesus pergunta o que pode fazer por ele. O velho diz que proteção, dia e noite, para a amada filha a fim de protegê-la dos “mesquinhos e tentadores olhares” (SEREJO, 2008, p. 71). E Jesus atende o pai dizendo que transformará a filha do guerreiro Itabaetê, em símbolo de bondade que consolará os aflitos e os enfermos. E completa: “Tua filha será transformada numa encantadora árvore, verde de formas arredondadas, que espargirá um perfume característico, nos dias de canícula ou nas noites suavíssimas de luar” (op. cit.). E transforma a bela, meiga e encantadora Yari num pé de erva-mate. Interessante aqui ressaltar o aspecto religioso convivendo harmoniosamente com o mito e a lenda.

No volume oito, na obra *Lendas do Estado de MS* (2008), aparecem várias lendas. No subtítulo “Lenda do cipó fronteiro”, aparece os diversos tipos de cipó e suas especificidades. O cipó-amarelo é próprio para sepultura isolada porque alegra o defunto. O cipó-amargo é veneno mata os animais que o comem. O cipó-cabeludo é remédio para nefrite infecciosa e cura dor no peito. O cipó-caboclo, ou cipó-capa-homem é afrodisíaco, faz mulher ficar rindo à toa. O cipó-chumbo é purgante. Cipó-de-cobra cura picada de toda espécie de bicho rastejante. Cipó-cruz se plantado no cemitério vela dos mortos, se for usado por mulher sardenta acaba com as sardas. Cipó-de-sapo se preparado como armadilha atrai insetos e os mata ao colher seu



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO  
DE 2014  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

néctar. Cipó-suma, ou cipó dos porcalhões, se preparado como chá cura “porcarias de mulher à-toa” (SEREJO, 2008, p. 77), e sífilis. Cipó-tiririca ou sogade-bugre serve de amarrio e laço rústico para toda a eternidade. Cipó-vassoura ou timbopeba é matéria-prima para vassouras. Rancho varrido com ela é rancho de caboclo feliz, afugenta formiga e bichos peçonhentos.

Na página 79 da mesma obra, Serejo conta a “Lendas do tapês”. Os tapês são os caminhos que dividem uma ranchada ervateira. Eles são divididos em tapê-guassú (estrada maior); tapê-hacienda (caminhos que cortam a estrada maior); tapê-pói (trilhos que partem dos tapê-hacienda). Os tapês formam o labirinto da ranchada no qual os ervateiros vão deixando escorrer pelo chão, o sangue da dor e das dificuldades do mundo bruto da erva. Conta a lenda, que para abater a dor e o sofrimento, o ervateiro faz ecoar da garganta um grito, denominado “mbureio” que ecoa pelos tapês “reproduzindo o eco cem mil vezes” (SEREJO, 2008, p. 80). O grito retorna deve retornar a quem o emitiu pela força do vento, afugentando o desalento e dando ao ervateiro novas forças. Se o “mbureio” não tem retorno, resta ao ervateiro abandonar a ranchada. Desse modo, o “mbureio” tanto pode ser esperança de dias melhores, como indício de uma desgraça, mesmo assim o peão do erval não o deixa de emitir, porque está preso em suas gargantas “aquele desejo, quase irrefreável, de gritar. Abrir a boca e soltar o grito emocionante. Ficar escutando o eco ir se distanciando cada vez mais” (op. cit., p. 81), porém há sempre o receio de que o retorno não aconteça e a lenda se cumpra.

Outra lenda que merece destaque nessa obra é a lenda do “Redemunho”. Segundo Serejo, redemunho da fronteira, a lenda antiga afirma, é coisa de endoidecer qualquer cristão, porque sempre, quando ele aparece, vem tocado por Satanás, que está na outra banda, defendendo o que é seu, contra os intrusos” (SEREJO, 2008, p. 91). O homem crédulo do sertão tem medo de redemunho. No mês de março traz seca, miséria e desolação. No mês de agosto assusta, causa pandemônio.

Ainda na obra citada no parágrafo acima, existem muitas outras lendas, que mereceriam serem destacadas, cito aqui a “Mula-sem-cabeça”, que é conhecida nacionalmente, mas que Serejo traz sua versão da lenda no MS. Segundo ele, a lenda sul mato-grossense da mula-sem-cabeça tem a seguinte versão: uma mulher de belo corpo, cabelos longo e olhos negros se apaixona por um padre e com ele se casa. Na primeira sexta feira após o casamento



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO  
DE 2014  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

ela foi atacada ferozmente por um cachorro preto e se transformou em mula-sem-cabeça. Desse modo, toda mulher que se casa com padre corre o risco de se transformar num monstro. Mula-sem-cabeça é pandemônio, é dotada de inteligência que ataca e mata pessoas que tentam solucionar o seu mistério. “Quando ela aparece rente à fronteira, presentindo a aproximação de ser humano, oculta-se na primeira sanga que encontra, onde só é vista pelo vento furacão, que é seu companheiro de malfeitos” (SEREJO, 2008, p. 117). Interessante aqui é perceber as nuances que diferenciam a lenda nacionalmente conhecida, e a versão sul mato-grossense, e Hélio Serejo permite a exploração desse aspecto.

Esses são apenas alguns exemplos da riqueza dos mitos e lendas da região do Mato Grosso do Sul que Hélio Serejo deixou registrados nas suas obras. Fica aqui o convite para que mais estudiosos se debrucem sobre essa infinidade de temas lendários registrados nessa obra em particular.

Destaque especial é dado ao tema folclore, que é apresentado por Serejo nas peculiaridades específicas da região. Para exibir um pouco do folclore regional, a obra *Carai*, apresenta “O lado folclórico” no qual Serejo pontua “apelidos de peão do erval, campeiro, pescador, carreteiro, roceiro, chofer, amansador de burros, tropeiro, mascate e caçador que viveram nos tempos de ouro da erva, na região fronteira do Estado de Mato Grosso do Sul” (SEREJO, 2008, p. 107). Aparecem diversos apelidos, alguns deles merecem destaque por seu quesito irônico como por exemplo: “Orangotango”: homem que trabalhou na ranchada Ajuricabamirim, propriedade do pai de Serejo, que era um monstro de feiúra e que tinha o sonho de ter para si uma companheira. Acabou por encontrar a mulher que tanto sonhava. Uma mulher desengonçada, corcunda, capenga. Porém, o homem se zangou quando passaram a chamá-la de bruxa. “A Chanoca era mesmo um monstrego (reconhecia isso) mas, sendo sua companheira, precisava defendê-la... e por ela brigava e matava, se preciso fosse, porque *el bienquerer és obra Del Señor*. (op. cit., p. 108). Outro exemplo é “Touro Sentado”: era um paraguaio que trabalhava na ranchada Panambi-Verá de Francisco Rojas. O tamanho físico avantajado de 154 quilos não impedia que fosse um “atacador de grande produção. Trabalhava sentado num toco de peroba. O peso não lhe dava condição de executar o ataqueio de pé” (SEREJO, 2008, p. 108). Também outro interessante apelido é “Junta Cisco”: carreteiro da Mate Laranjeira que





EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO  
DE 2014  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

tinha um pé e o joelho paralítico. Ao caminhar ia arrastando o que encontrava pela frente causando muito riso (op. cit., p. 111). Esses são apenas alguns dos exemplos figurados na obra relativo a apelidos.

Hélio Serejo apresenta ainda como exemplo de folclore um morcego: o Andirá-Açu. De aspecto horripilante apavora qualquer cristão com seu vôo rasante. Relata que nos ervais, esse mamífero noturno é um pesadelo. “Peão de erval supersticioso, não fica em ranchada onde aparece o andirá-açu” (SEREJO, 2008, p. 115). Há a crença de que o morcego traz malefícios como ao envenenar o sangue de uma mulher grávida o filho nasce aleijado, peludo ou com dois sexos. “Para que a desgraça não acontecesse, poucos dias antes do parto, a cunha deveria tomar um chá feito com sua própria urina, que limparia o sangue fazendo com que a criança nascesse perfeita e bonita” (op. cit., p. 116). Outra figura interessante é Cunhã Tarová, do folclore guarani. Uma louca e endemoninhada mulher dos ervais paraguaios e brasileiros, que voava “quase rente ao solo, milhares e milhares de quilômetros por minuto” (SEREJO, 2008, p. 125). Guardava as riquezas das fronteiras das “pátrias irmãs”. A figura de Cunhã Tarová administra as chuvas e refreia as enchentes, “ensina o caminho certo ao homem perdido, que abranda a tempestade, que cura a peste, que alimenta o faminto com frutas do mato” (op. cit., p. 125).

É importante deixar registrado que esses são apenas alguns exemplos do lado folclórico presente em Serejo. Julgo ser um trabalho de extensão mapear todos esses aspectos míticos, folclóricos e das lendas no escritor sul mato-grossense. Caberia um trabalho de fôlego como uma dissertação de mestrado, ou ainda, tese de doutoramento, para dar conta de fazer um mapeamento detalhado e preciso desses aspectos em toda a coletânea das *Obras Completas* (2008).

## **Conclusão**

Diante do que acabamos de mencionar no parágrafo anterior, fica aqui um chamado, uma proposta de estudo, no qual este artigo apenas fez apontar, tornar possível, oferecer



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO  
DE 2014  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

indícios, aguçar o interesse. Resta o aprofundamento, e, esse poderá surgir talvez, oxalá, através deste artigo. Outro aspecto que esse artigo pretende alcançar é abrir um horizonte para nós professores formadores de leitores, no sentido de proporcionar aos alunos escolhas, oferecer aos alunos uma opção a mais de literatura sobre a nossa terra e a nossa gente, possibilidade essa através das sessenta obras de Serejo.

Tornar público, conhecido e acessível esse enorme leque de opções de leitura, para que os leitores tenham a alternativa, a possibilidade de escolha dessas obras, compartilhar a existência dessas leituras, talvez seja tão importante quanto lê-las, lembrando que a obra, só se efetua com o processo da leitura. Para citar Sartre (RIBEIRO *apud* LUCHESI, 2008), a criação da obra só se completa com a leitura, ou ainda, quando o leitor termina o que o escritor começou. O leitor é desse modo, de importância fundamental nesse processo, uma vez que o autor só se percebe essencial à sua obra através da consciência do leitor. A obra de Serejo só se efetivará quando for conhecida e lida por seu público. Esse era o desejo confesso de Serejo a Campestrini, que o fez mobilizar na reedição das *Obras Completas* (2008). O desejo se perpetua nessa pesquisadora de Serejo que vos escreve: que a obra de Serejo seja difundida, conhecida e lida para ser finalmente consolidada.

Diante de tudo que foi posto, chegamos à conclusão de que a leitura das obras de Serejo legitimaria, através do leitor, a nossa comunidade, a sul-mato-grossense. O acesso à leitura proporcionaria o conhecimento da nossa história através da leitura particular da obra de Serejo, que compõe um repertório próprio, o registro do que é marcadamente a constituição da nossa história/cultura/folclore. A experiência da leitura de Serejo teria como objetivo estabelecer uma ponte através da qual nos facilitaria compreendermos a nossa região, as nossas próprias características lendárias e míticas sul-mato-grossenses.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antonio. “O direito à Literatura”. In: **Vários Escritos**. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades, 2004. P. 169-191.



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO  
DE 2014  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

COSTA, M. M. da. **Metodologia do ensino da literatura infantil**. Curitiba: JBPEX, 2007.

FERNANDES, Célia Regina Delácio. **Leitura, literatura infanto-juvenil e educação**. Londrina: EDUEL, 2007.

SEREJO, Hélio. **Obras Completas**. Campo Grande/MS: Instituto de História e Geografia de Mato Grosso do Sul, 2008.

PAIVA, Aparecida. MARTINS, Aracy. PAULINO, Graça. VERSIANI, Zélia. **Leituras literárias: discursos transitivos**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.

RIBEIRO, Francisco Aurélio. “O papel da leitura e da literatura no século XXI”. *In*: LUCHESI, Marco. Org. **Formação de leitores e construção da cidadania: Memória e presença do PROLER**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008. P. 59-64.

SOUZA, E. M. Tempo de Pós-Crítica. *In*: XIX TRIENNIAL CONGRESS OF THE INTERNATIONAL FEDERATION, 1996. ANAIS. BRASÍLIA. v. 1. p. 89-97.